

Recolhendo os ossos

Tradução de Iaioi Tao¹ e Meiko Shimon

Havia dois lagos no vale.

Enquanto o lago do lado debaixo brilhava como se estivesse repleto de prata derretida, o de cima estava recolhido na quietude com a sombra dos morros imersa no fundo num verde profundo como a morte.

Sinto o meu rosto pegajoso. Volto o meu olhar para trás e vejo os respingos de sangue no capinzal e as folhas de bambu-anão por onde vim abrindo o caminho. As gotas de sangue pareciam ganhar vida, prestes a se moverem.

E, novamente, o sangue veio borbulhando às narinas num caldo morno. Apressadamente, tampei as narinas com a faixa do meu quimono. Deitei-me de costas.

O sol não batia diretamente, mas o lado avesso das folhas verdes que filtravam os raios me ofuscava.

O fluxo do sangue que parou no meio-caminho das narinas refluía para dentro, causando uma sensação desagradável. Cada vez que respirava, ouvia o ruído do refluxo do sangue.

As cigarras *aburazemi*² enchem a montanha com seus cantos. De repente, as *min-min*³ começam a gritar como se tivessem levado um grande susto.

É uma manhã de julho, pouco antes do meio-dia. Tenho a sensação de que qualquer coisa irá ruir, mesmo se uma simples agulha cair ao chão. Sinto que não posso mover-me.

Enquanto fico deitado e o suor começa a brotar, tudo que me cerca, o barulho das cigarras, a pressão do verdor, o calor da terra e as batidas do coração, converge num único ponto dentro da minha cabeça e se solidifica. Mal sinto que tudo se solidificara e num instante desmorona e se esvai.

¹Licenciada em Latim pela UFRGS. Foi Professora Substituta de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS.

²Aburazemi: espécie de cigarra muito comum no Japão. Cerca de 6cm, de cor preta com as asas de cor parda e translúcidas.

³Min-min: abreviação de min-minzemi, cigarras que aparecem no alto do verão japonês (julho). O macho emite forte som "min-min". Cerca de 6cm, de cor escura com as asas amarelo-esverdeadas e transparentes.

E, então, vem a sensação de que sou içado do solo em direção ao céu, flutuando no ar.

— Sinhozinho! Oooi! Sinho-zi-nho!

Levanto-me assustado, com a voz que me chama do cemitério.

É a manhã do dia seguinte ao funeral de meu avô. Tínhamos vindo para o crematório recolher os seus ossos. Eu estava remexendo as cinzas ainda mornas, quando o sangue começou a escorrer de minhas narinas. Antes que alguém percebesse, estanquei-o com a ponta da faixa de meu quimono e subi até este pequeno morro, afastando-me do local da cremação.

Desço correndo a encosta com o chamado. O lago que brilha como prata se inclina, balança e desaparece da minha visão. Escorrego-me por causa das folhas secas do outono passado.

— Ah, como é folgado este rapaz! Onde o sinhozinho estava? Há pouco recolhemos o osso do pomo-de-adão⁴ de seu avô. Veja isto! disse a velha que prestava os serviços na casa do falecido avô.

Ao descer ruidosamente entre as folhas do bambu-anão, disse:

— Ah, é? Deixe-me ver.

Aproximei-me da velha empregada, tomando o cuidado de que ela não notasse as minhas feições depois de perder grande quantidade de sangue, nem mesmo a faixa ensangüentada.

Em uma folha de papel branco sobre a palma da sua mão, semelhante a papel maché amassado, havia uma espécie de pedra-calcária de cerca de três centímetros atraindo a atenção dos presentes. Deve ser o pomo-de-adão. Com certo esforço, poderia imaginá-la com formato de um ser humano.

— Conseguimos encontrá-lo, enfim. Olhe só! o seu avô agora ficou deste jeito. Tenha a bondade de colocá-lo na caixa da urna.

Que coisa mais sem graça! — Continuo com a sensação de que o vovô, como sempre, esperaria o ruído do portão da casa, anunciando o meu retorno, com seus olhos cegos cheios de alegria. Estranho é ver aí parada uma mulher que eu nunca vira antes, vestida de quimono de crepe preto, e que se diz minha tia.

Numa outra urna, haviam depositado desordenadamente os ossos das pernas, das mãos e do pescoço e os demais.

O crematório era simplesmente uma vala comprida, um lugar sem paredes e nem teto.

O calor dos restos da lenha queimada era muito forte.

⁴*Nodobotoke* no original. A denominação *bokoke* que vem de *hotoke* (Buda) devido a sua forma, e pela crença de que ao morrer a pessoa se transforma em um buda, o osso do pomo-de-adão é tratado com deferência.

— Então, vamos até o túmulo. Aqui exala mau cheiro e a luz do sol é amarelada.

Falei isso, preocupando-me com a cabeça que estava a rodopiar e ainda com o sangramento que ameaçava recomeçar.

Quando me viro, vejo o servo da casa carregando a urna dos ossos. As cinzas que restaram da cremação, o tapete de palha onde as pessoas que acorreram à cerimônia funeral ontem se acomodaram, após a oferta do incenso, tudo permanecia no mesmo lugar. Ficaram também em pé as varetas de bambu enfeitadas com o papel prateado.

Dizem que o meu avô, também, ontem à noite no velório, transformou-se em uma bola de fogo azul, alçou vôo pelo telhado do santuário xintoísta, passando pelos quartos do sanatório e espalhando no céu do vilarejo um cheiro fétido. A caminho do túmulo, estava me lembrando desses rumores⁵.

Os túmulos dos meus familiares não estão no cemitério do vilarejo, mas em um outro lugar. E o crematório, num recanto do cemitério do vilarejo.

Chegamos ao cemitério onde está minha família e onde há fileiras de pedras tumulares.

Eu já não me importava mais com nada. Desejava rolar pelo chão e respirar o céu azul.

Fui buscar água no riacho do vale e pus a enorme chaleira de bronze no chão.

— As últimas palavras do nosso falecido patrão eram de que fosse enterrado debaixo da lápide do mais antigo ancestral, disse a velha empregada. Proferiu as últimas palavras do falecido com muita convicção.

Como se quisessem antecipar ao outro empregado que era lavrador, os dois filhos da mulher derrubaram a pequena torre de pedra mais antiga, que ficava no lugar mais elevado, e começaram a escavar.

A cova parece que ficou muito funda. Escutei o som da urna caindo na profundidade.

Depositar, após a morte, um tal pedaço de calcário no túmulo do ancestral de nada adianta, já que a pessoa está morta. É a vida que cai no esquecimento.

A pequena torre de pedra foi colocada em pé no seu antigo lugar.

— Vamos, sinhozinho, faça as despedidas.

A velha empregada, então, derramou abundante água na pequena torre⁶.

⁵Refere-se à crença popular de que a alma do finado o deixa, transformando-se num fogo-fátuo.

⁶ Refere-se à lavagem da lápide.

Apesar do incenso fazer muita fumaça, não se viam suas sombras sob o sol forte. As flores estão esmorecidas.

Todos fecham os olhos, juntam as mãos e oram.

Observando as feições amareladas das pessoas, volta a tontura na minha cabeça.

A vida de meu avô — a morte.

Balanço fortemente a mão direita, como se fosse impulsionada por uma mola. Os ossos produzem um barulho seco. Tenho nas mãos a pequena urna dos ossos.

Era uma pessoa muito sofrida. Foi um grande senhor dedicado à preservação da sua casa⁷. É alguém que não será esquecido no vilarejo. Falavam do meu avô no caminho de volta. Quero que parem com isso. Quem realmente estará triste, além de mim?

Pode-se imaginar um misto de sentimento de pena e de curiosidade por parte das pessoas que ficaram em casa, pensando em como ficará daqui em diante a vida do garoto que perdera o avô e ficara sozinho no mundo.

Um pêssago caiu no chão. Veio rolando até os meus pés. Na volta do cemitério, contornamos a base da colina de plantação de pêssagos.

Este texto fora escrito aos dezessete anos de idade (no quinto ano da Era Taishô⁸), narrando o fato que ocorreu quando eu tinha catorze. Compilei-o, agora, revisando um pouco o seu estilo. Eu, propriamente, sinto certa curiosidade em compilar, aos cinqüenta anos de idade, um texto dos meus dezessete anos. Até pelo fato de que ainda estou vivo.

A morte de meu avô aconteceu em vinte e quatro de maio, porém, neste "Recolhendo os Ossos" ficou sendo em julho. Isto mostra que há alguma tentativa de dramatização.

O manuscrito está no "Caderno de Diários" da Editora Shinchô, mas há algumas páginas que se extraviaram. Entre as frases: "O calor dos restos da lenha queimada era muito forte" e "Então, vamos até o túmulo ...", nota-se a perda de duas páginas do Caderno. No entanto, compilei assim mesmo.

Antes deste "Recolhendo os Ossos", há um outro texto intitulado "À Terra Natal". Chamo de "tu" o vilarejo onde vivera com meu avô, adotando o estilo de uma carta de um interno do curso ginásial. Trata-se de mero sentimentalismo infantil.

Apresentarei alguns trechos que indicam a ligação entre "À Terra Natal" e "Recolhendo os Ossos".

⁷Refere-se às causas de uma família tradicional em declínio.

⁸Era Taishô (1912 - 1926) no calendário japonês corresponde ao período reinado pelo Imperador Taishô. O ano quinto da era Taishô é 1916.

... Apesar de ter-te jurado com toda convicção, concordei, outro dia, na casa de meu tio, em vender a casa e toda propriedade.

E, ainda, no outro dia, deves ter visto os baús e os armários antigos, guardados há gerações no grande depósito da casa, a serem entregues aos comerciantes.

Desde que me distanciei de ti, comenta-se que minha casa se transformara em abrigo de um forasteiro e, depois que sua mulher morrera de reumatismo, passou a ser usada como um cárcere para o louco da casa vizinha.

Os objetos armazenados no depósito pouco a pouco foram sendo roubados, a encosta da colina do cemitério de minha família é escavada aos poucos pelos vizinhos e anexada às suas propriedades adjacentes aos pomares de pessegueiro. O segundo aniversário da morte do avô está se aproximando, porém, imagino que seu *ihai*⁹ esteja rolando no meio da urina dos ratos. (**Kotsui hiroi, 1949**)

⁹*Ihai*: tabuinha na qual está inscrito o nome póstumo de um falecido. Costuma-se colocar no altar búdico para ser venerada junto com Buda.